

Ao raiar do Sol, ainda dormia,
ouvi bater de leve, de fora da janela,
no chão de tojo e fetos, a enxada.

Abri os olhos e vi riscos de luz
cruzarem as paredes, como sempre
na casa de Verão, depois vi sombras

passarem entre as fendas da madeira
que iluminavam as manhãs tão cedo.
E os ruídos mortos pelo gume da luz.

Quando, enfim, levantada, abri a porta
diante do Sol universal límpido,
duas figuras curvas, a contraluz,

compunham uma imagem silenciosa
de roçadores que mondavam cerce,
sem som, o restolho entre as árvores.

Tão quente, tão clara era para o olhar
a luz, que os camponeses, cansados
de serem vultos a labutar sob o Sol,

para mim vieram dentro da minha imagem,
subiram os degraus da sombra fresca,
na entrada da casa, e me pediram

— enfim falaram, ou os ouvi falar
tão só pedindo água para a sua sede.
Água lhes trouxe apenas, da Sombra

ou sombras guardadas no interior da casa,
e os meus olhos de novo a luz abriram
da porta imaginada e verdadeira.

E, como imagem vem atrás de imagem,
à tarde, ao apagar do Sol ouvi calar
por fim o som de enxadas e dos passos.

E só os meus olhos recolheram a oferta
deixada no sol-posto, a medrar, na soleira,
frutos da estação, em demasia, uvas e figos

com que os dois camponeses efémeros
me pagaram a pouca água real
que quebrara o enigma das imagens.

*

Amor é o olhar total, que nunca pode
ser cantado nos poemas ou na música,
porque é tão-só próprio e bastante,
em si mesmo absoluto táctil,
que me cega, como a chuva cai
na minha cara, de faces nuas,
oferecidas sempre apenas à água.

*

Fui criança, indo por um carreiro,
a caminho do mar, mão na outra mão,
entre árvores, pedras, insectos e aves.
Toda a Natureza me coube nas pupilas,
mestra de sentimentos, e eu discípula.
E, se fechava os olhos, ela punia-me
com o silêncio cruel das ondas,
a mudez imerecida dos insectos,

e a distância das aves, que doía.
Se os abria, tudo me rodeava,
apaziguado e meu,
mas a mão que me trazia a mão
puxava-me para a luz de cada dia.

*

Na casa antiga, cada um de nós levava
consigo um candeeiro, com que arrastava
o seu duplo de penumbra e de sombra.
A chama do petróleo ardia junto à boca,
podíamos devorar a própria luz.
Chamas nos queimavam as entranhas
e em archotes vivos nos tornaram,
vagueando por corredores e por escadas
atrás do Outro, que nada nos dizia.

*

Nada tão silencioso como o tempo
no interior do corpo. Porque ele passa
com um rumor nas pedras que nos cobrem,
e pelo sonoro desalinho de algumas árvores
que são os nossos cabelos imaginários.
Até nas íris dos olhos o tempo
faz estalar faíscas de luz breve.

Só no interior sem nome do nosso corpo
ou esfera húmida de algum astro
ignoto, numa órbita apartada,
o tempo caladamente persegue

o sangue que se esvai sem som.
Entre o princípio e o fim vem corroer
as vísceras, que ocultamos como a Terra.

Trilam os lábios nossos, à semelhança
das musicais manhãs dos pássaros.
Mesmo os ouvidos cantam até à noite
ouvindo o amor de cada dia.
A pele escorre pelo corpo, com o seu correr
de água, e as lágrimas da angústia
são estridentes quando buscam o eco.

Mas não sentimos dentro do coração que somos
filhos dilectos do tempo e que, se hoje amamos,
foi depois de termos amado ontem.
O tempo é silencioso e enigmático
imerso no denso calor do ventre.
Guardado no silêncio mais espesso,
o tempo faz e desfaz a vida.

*

«Como se explica, Hípias, que os antigos sábios
todos se tenham afastado dos negócios públicos?»¹
perguntei, porque também eu calei
a minha voz pública de outrora. Cidade,
perdoa-me a ausência e o rancor,
perdoa que a minha voz agora
não nomeie os teus cais de embarque,
a dor, miséria e cúpida opressão.
Ainda amo, neste exílio de paz, a mesma Paz.

¹ Platão, *Hípias Maior*.

Sábia, não sou. Calei-me porque
as memórias minhas e a voz sozinha
também pertencem ao Todo, em harmonia.
Ainda amo a pátria, feita de lugares, parentes,
dos próximos, e do vento, meu semelhante.

*

Na Barra, a noite do farol foi o meu dia
e o seu repouso em céu claro a minha noite.
Uma rota de luz soltou as águas
da costa adormecida e engendrada
todas as noites, como uma vez no Génesis.
Olhava os barcos como se estivessem
no princípio dos rumos que eu seguisse.
Vi a água espelhar mastros de prata,
vi o lastro da escuridão que não deixava
que eu, noite a noite, amasse a irrealidade.

*

Entre todas as presenças, eu esperei
a do leitor. Quis ver-lhe os cílios
tremere com a mancha poética.
Na cena doméstica que hoje vi,
a pequena cria abocanhada pelo cachão,
levada pela gata, se puder, até ao Infinito,
é como o poema que o autor prende na boca.
Mas quem até aqui virá condoído da tortura
de ter um peso morto entre os meus dedos,
poemas que não existem, autor sem som?